

O BONECO DE NEVE

Jo Nesbø

Tradução do inglês de
Maria Georgina Segurado



D. QUIXOTE

PARTE UM

Quarta-feira, 5 de novembro de 1980
O Boneco de Neve

Foi no dia em que a neve chegou. Às onze da manhã, caíam grandes flocos de um céu incolor, invadindo os campos, jardins e relvados de Romerike, como um exército vindo do espaço cósmico. Às duas da tarde, os limpa-neves tinham entrado em ação em Lillestrøm, e às duas e meia, altura em que Sara Kvinesland manobrava cuidadosamente o seu *Toyota Corolla* SR5 por entre as moradias em Kolloveien, a neve de novembro assentava como um edredão de penas sobre os campos ondulantes.

Sara vinha a pensar que à luz do dia as casas pareciam diferentes. Tão diferentes que, por pouco, não passou o acesso à casa. O carro derrapou quando levou bruscamente o pé ao travão, e ouviu um gemido vindo do banco traseiro. Pelo espelho retrovisor viu o rosto descontente do filho.

– Já não falta muito, meu amor – disse-lhe.

Em frente à garagem via-se uma faixa larga de alcatrão preto no meio de todo aquele branco, e apercebeu-se de que o camião de mudanças estivera lá. Sentiu um nó na garganta. Só esperava não ter chegado tarde demais.

– Quem mora aqui? – ouviu perguntar do banco traseiro.

– Uma pessoa minha conhecida – respondeu Sara, verificando automaticamente o cabelo no espelho retrovisor. – Dez minutos, meu amor. Vou deixar a chave na ignição para poderes ouvir rádio.

Saiu sem aguardar resposta, os sapatos deslizaram até à porta por onde tantas vezes entrara, porém, nunca daquela maneira, nunca em pleno dia, bem à vista dos olhos curiosos de todos os vizinhos. Não que as visitas pela calada da noite pudessem parecer mais inocentes, mas,

por alguma razão, ações destas afiguravam-se-lhe mais apropriadas depois de a escuridão se instalar.

Ouviu a campainha tocar no interior como um zângão a zumbir dentro de um frasco de compota. Sentiu o desespero crescer e olhou para as janelas das casas vizinhas. Não deixavam transparecer nada, retribuía apenas os reflexos das macieiras negras despidas, do céu cinzento e do terreno branco-leitoso. Depois, ouviu finalmente passos por detrás da porta e soltou um suspiro de alívio. Logo de seguida, estava lá dentro nos braços dele.

– Não te vás embora, querido – suplicou, ouvindo o soluço já a embargar-lhe as cordas vocais.

– Tenho de ir – respondeu-lhe ele em tom monocórdico, num refrão que há muito se cansara de repetir. As mãos rumaram a caminhos familiares, dos quais nunca se fartava.

– Não tens, não – segredou-lhe ao ouvido. – Mas queres ir. Já te falta a coragem.

– Isto não tem nada que ver comigo e contigo.

Apercebeu-se da irritação que lhe crescia na voz e, ao mesmo tempo, da mão, aquela mão forte e delicada, a descer-lhe pelas costas e a introduzir-se-lhe no cós da saia e nos *collants*. Eram como dois dançarinos que conheciam cada movimento, passo, sopro e ritmo do outro. Primeiro o ato de amor branco. O bom. Depois, o negro. A dor.

A mão dele acariciou-lhe o casaco, procurando o mamilo por baixo do tecido grosso. Nunca deixava de ficar fascinado com os mamilos dela; tornava sempre a eles. Possivelmente, pelo facto de ele próprio não os ter.

– Estacionaste em frente da garagem? – perguntou, apertando-lhe o mamilo com força.

Anuiu e sentiu a dor subir-lhe à cabeça, como uma flecha de prazer. O seu sexo ansiava já pelos dedos que não tardariam a explorá-lo.

– O meu filho está à espera no carro.

A mão imobilizou-se bruscamente.

– Ele não sabe de nada – gemeu ela quando a mão dele se deteve.

– E o teu marido? Onde está neste momento?

– Onde julgas que está? A trabalhar, claro.

Desta vez, foi ela quem pareceu irritada. Não só por ele ter trazido o marido à baila, mas também porque tinha dificuldade em referir-se

a ele sem ficar irritada, e porque o seu corpo necessitava dele, rapidamente. Sara Kvinesland abriu-lhe a braguilha.

– Não... – começou ele a dizer, prendendo-lhe o pulso com um gesto firme. Ela esbofeteou-o energicamente com a outra mão. Ele olhou-a surpreendido, enquanto um intenso rubor lhe invadia as faces. Ela sorriu, agarrou-lhe o cabelo preto espesso e puxou o rosto dele para o seu.

– Podes ir – sussurrou-lhe. – Mas, primeiro, tens de me comer. Estamos entendidos?

Sentiu a respiração dele no rosto. Já arquejante. Tornou a bater-lhe com a mão que tinha livre, enquanto o pénis dele crescia na outra.

Ele impusera-se cada vez mais intensamente, mas agora ia partir. Ela sentia-se entorpecida, a magia desaparecera, a tensão dissipara-se e tudo o que restava era o desespero. Estava a perdê-lo. Naquele momento, ali deitada, já o perdera. Todos os anos de ardente desejo, todos os anos de lágrimas, os atos desesperados a que ele a obrigara. Sem lhe dar nada em troca. Exceto isto.

Ele ficava aos pés da cama e possuía-a de olhos fechados. Sara fitava-lhe o peito. No início, estranhara, no entanto, com o tempo, começara a gostar de ver a pele branca contínua nos peitorais. Fazia-lhe lembrar as estátuas antigas em que os mamilos eram suprimidos por uma questão de decoro público.

Agora os gemidos dele subiam de tom. Sabia que não tardaria a soltar um rugido furioso. Como adorava aquele rugido. A expressão extasiada de eterna surpresa quase sofrida, como se o orgasmo ultrapassasse de cada vez e sempre as suas mais indómitas expectativas. Aguardava o derradeiro grito, uma despedida retumbante daquele quarto que não passava de um cubículo gélido, desprovido de quadros, cortinas e tapetes. Depois ele vestir-se-ia e mudar-se-ia para uma região do país onde, afirmava, lhe fora oferecido um emprego que não podia recusar. Mas podia recusar isto. Isto. E, ainda assim, iria gritar de prazer.

Sara fechou os olhos. Mas não houve rugido. Ele parara.

– O que foi? – indagou, abrindo os olhos.

As feições dele estavam completamente distorcidas. Mas não de prazer.

– Um rosto – murmurou.

Ela estremeceu.

– Onde?

– Lá fora, na janela.

A janela ficava no outro extremo da cama, mesmo por cima da cabeça dela. Virou-se e sentiu-o sair de si, já sem vigor. Do local onde se encontrava deitada, a janela por cima da sua cabeça ficava demasiado alta na parede para conseguir ver para o exterior. E demasiado alta para que, quem quer que estivesse lá fora, conseguisse espreitar. Como a luz do dia estava já a desvanecer-se, apenas conseguiu ver o reflexo do candeeiro de teto.

– Viste-te a ti mesmo – afirmou, quase suplicante.

– Foi o que pensei, inicialmente – respondeu ele, continuando a olhar fixamente para a janela.

Sara ajoelhou-se. Levantou-se e olhou para o jardim. E ali, ali estava o rosto.

Soltou uma gargalhada sonora de alívio. O rosto era branco, com olhos e uma boca desenhada com pedrinhas pretas, provavelmente, provenientes do acesso. E os braços tinham sido feitos com ramos arrancados das macieiras.

– Meu Deus – exclamou. – É apenas um boneco de neve.

Depois, as suas gargalhadas transformaram-se em lágrimas; soluçou descontroladamente até sentir os braços dele envolvê-la.

– Agora tenho de ir – disse ela, soluçando.

– Fica mais um bocadinho – pediu-lhe ele.

E ela ficou mais um bocadinho.

Quando Sara se dirigiu à garagem, apercebeu-se de que haviam passado quase quarenta minutos.

Ele prometera-lhe telefonar de vez em quando. Que belo mentiroso lhe saíra e, pela primeira vez, isso agradou-lhe. Antes de chegar ao carro viu o rosto pálido do filho, que a fitava do banco traseiro. Fez menção de abrir a porta e, para seu espanto, apercebeu-se de que estava trancada. Espreitou-o pelos vidros embaciados. O rapaz só a abriu quando ela bateu no vidro.

Sentou-se ao volante. O rádio estava desligado e lá dentro fazia um frio de rachar. A chave estava em cima do banco do passageiro. Ela virou-se para trás. O filho tinha o rosto pálido e o lábio inferior tremia-lhe.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou-lhe.

– Sim – respondeu. – Eu vi-o.

O tom de horror na voz dele foi metálico e estridente, como não se recordava de ouvir desde que ele era pequenino, quando ficava sentado entre ambos no sofá diante do televisor, com as mãos a tapar os olhos. E agora que estava a mudar a voz, deixara de lhe dar o abraço de boas-noites e começara a interessar-se mais por motores de carros e raparigas. E, um dia, entraria num carro com uma delas e também a abandonaria.

– De que estás a falar? – inquiriu, levando a chave à ignição e rodando-a.

– O boneco de neve...

Não houve qualquer reação do motor e subitamente o pânico invadiu-a. Não sabia o que receava. Espreitou pelo para-brisas e rodou novamente a chave. Ficara sem bateria?

– E como era o boneco de neve? – perguntou, carregando a fundo no acelerador e rodando desesperadamente a chave com tanta força que receou parti-la. Ele respondeu, mas o som foi abafado pelo ronco do motor.

Sara engatou a mudança e levantou o pé da embraiagem, como se fosse urgente sair dali. As rodas giraram na neve macia e meio derretida. Acelerou ainda mais, mas a traseira do carro começou a deslizar para o lado. Entretanto, os pneus atingiram o alcatrão e com um solavanco, começaram a rodar na estrada.

– O papá está à nossa espera – disse ela. – Temos de nos despachar.

Ligou o rádio e aumentou o volume para preencher o gelado habitáculo com outros sons para além do da sua própria voz. Um locutor anunciou pela centésima vez naquele dia que, na noite anterior, Ronald Reagan derrotara Jimmy Carter nas eleições presidenciais americanas.

O rapaz voltou a dizer qualquer coisa, e ela olhou pelo retrovisor.

– O que é que disseste? – inquiriu em voz alta.

Ele repetiu, mas nem mesmo assim ela conseguiu ouvir. Baixou o volume do rádio enquanto avançava em direção ao rio, à estrada que atravessava os campos como duas tristes faixas negras. E sobressaltou-se quando se apercebeu de que ele se debruçara entre os dois bancos dianteiros. A voz soou-lhe como um sussurro seco junto ao ouvido. Como se fosse importante que mais ninguém os ouvisse.

– Vamos morrer.

2 de novembro de 2004

1.º dia

Os Olhos de Pedra

Harry Hole sobressaltou-se e arregalou os olhos. Estava um frio de rachar, e da escuridão chegou-lhe o som da voz que o acordara. Anunciava que o povo americano decidiria, naquele dia, se George Walker Bush seria novamente o seu presidente durante os próximos quatro anos. Novembro. Harry estava a pensar que se avizinhavam, sem dúvida, tempos difíceis. Atirou para trás o edredão e assentou os pés no chão. O linóleo estava tão frio que lhe provocou uma dor aguda. Deixou o rádio-despertador ligado no noticiário e dirigiu-se à casa de banho. Viu-se ao espelho. Novembro também ali: sombrio, de uma palidez macilenta e doentia. Como de costume, tinha os olhos raia-dos de sangue, e os poros no nariz eram enormes crateras negras. Os papos, debaixo dos olhos de íris azul-claras alcoolizadas, desapareceriam depois de o rosto ser lavado com água quente, enxugado com uma toalha e de ter tomado o pequeno-almoço. Melhor dizendo, esperava que assim fosse. Harry não sabia ao certo qual o comportamento do seu rosto ao longo do dia, agora que completara quarenta anos. Se as rugas se dissipariam e a paz tornaria ao semblante de ar acossado com que despertava após noites e noites em que era atormentado por pesadelos. E não eram poucas. Assim, passara a evitar os espelhos mal saía do seu pequeno apartamento espartano na Sofies Gate para entrar na pele do inspetor Hole da Brigada Anticrime do Comando da Polícia de Oslo. Observava depois o semblante dos outros, para detetar neles a dor, os calcanhares de Aquiles, os pesadelos, os motivos e razões para se enganarem a si próprios, ouvir as mentiras extenuantes e tentar encontrar um sentido naquilo que fazia: prender pessoas que já se encontravam aprisionadas dentro de si próprias. Prisões de ódio e desprezo por si

mesmas, sabia bem o que isso era. Passou uma mão pelo cabelo louro curto que lhe crescia exatamente cento e noventa e dois centímetros acima das plantas dos pés gelados. As clavículas sobressaíam-lhe da pele como um cabide. Fizera imenso exercício físico desde a última investigação. Freneticamente, na opinião de alguns. Para além de andar de bicicleta, começara a levantar pesos no ginásio situado nas entranhas do Comando da Polícia. Agradavam-lhe a dor ardente e os pensamentos reprimidos. Mesmo assim, limitara-se a emagrecer. A gordura desaparecera e os músculos apresentavam-se em camadas entre a pele e o osso. E, se antes fora espadaúdo e aquilo que Rakel dizia ser um atleta nato, agora começava a parecer-se mais com a fotografia de um urso polar esfolado que vira uma vez: um predador musculado e horrivelmente descarnado. Resumindo e concluindo, estava a desaparecer. Não que isso tivesse importância. Harry suspirou. Novembro. Ia ficar ainda mais escuro.

Entrou na cozinha, bebeu um copo de água para aliviar a dor de cabeça, espreitou pela janela, e ficou surpreendido. O telhado do prédio do outro lado da Sofies Gate apresentava-se branco e a luz intensa refletida feriu-lhe os olhos. A primeira neve chegara durante a noite. Pensou na carta. Esporadicamente, recebia cartas semelhantes, só que aquela fora especial. Mencionara Toowoomba.

Na rádio, começara um programa sobre a Natureza e ouvia-se uma voz entusiasmada, elevando e baixando o tom, a falar sobre focas. «Todos os anos, no verão, as focas peludas reúnem-se no estreito de Bering para acasalar. Como os machos estão em maioria, a disputa por fêmeas é tão intensa que os que conseguirem conquistar uma fêmea permanecerão com ela durante todo o período de procriação. O macho cuidará da sua companheira até as crias nascerem e conseguirem sobreviver sozinhas. Não por amor à fêmea, mas por amor aos seus próprios genes e material hereditário. A teoria darwinista diria que é a seleção natural que torna as focas peludas monógamas, não a moral.»

«Duvido muito», pensou Harry.

A voz na rádio estava quase a atingir o falsete de tão empolgada. «Mas, antes de as focas peludas abandonarem o estreito de Bering em busca de alimento em alto mar, o macho tentará matar a fêmea. Porquê? Porque uma foca peluda fêmea nunca acasalará duas vezes

com o mesmo macho! Para a fêmea, biologicamente, isso seria colocar em risco o material hereditário, tal como sucede no mercado de valores. Para a fêmea, biologicamente, faz sentido ser promíscua, e o macho sabe-o. Tirando-lhe a vida, quer impedir que as crias de outras focas venham a competir com a sua própria progénie pelo mesmo alimento.»

«Estamos, deste modo, a entrar em águas darwinianas. Por que motivo não pensam os humanos como a foca peluda?», indagou outra voz.

«Olhe que pensamos, se pensamos! A nossa sociedade não é tão monógama quanto se possa julgar, nem nunca foi. Um estudo na Suécia revelou recentemente que quinze a vinte por cento de todas as crianças nascidas têm um pai diferente daquele que as próprias – e, já agora, os presumíveis pais – julgam. Vinte por cento! Corresponde a uma em cinco crianças! A viverem uma mentira. E a assegurarem a diversidade biológica.»

Harry rodou o botão da frequência para procurar uma música tolerável de se ouvir. Deteve-se numa versão de «Desperado» de um Johnny Cash¹ já a envelhecer.

Bateram energicamente à porta.

Harry entrou na casa de banho, vestiu as calças de ganga, regressou à entrada e abriu a porta.

– Harry Hole? – O homem que se encontrava no patamar vestia um fato de trabalho azul e fitava Harry através das lentes grossas. Os seus olhos eram tão transparentes como os de uma criança.

Harry anuiu.

– O senhor tem algum fungo? – O homem fez a pergunta com um ar muito compenetrado. Uma comprida madeixa atravessava-lhe a testa e ficara ali colada. Segurava debaixo do braço um bloco de mola com uma folha bastante preenchida.

Harry aguardou que ele se explicasse melhor, no entanto, o homem não adiantou mais nada. Limitou-se a fitá-lo com uma expressão sincera, transparente.

– Isso – retorquiu Harry – estritamente falando, é um assunto do foro privado.

O homem esboçou um ténue sorriso como reação a uma piada que estava fartinho de ouvir.

– Um fungo no seu apartamento. Bolor.

– Nada me leva a crer nisso – retrucou Harry.

– Esse é que é o busílis do bolor. Raramente dá motivos a alguém para suspeitar de que esteja lá. – O homem aspirou o ar por entre os dentes e baloiçou-se nos calcanhares.

– Mas? – atirou finalmente Harry.

– Mas está.

– E o que o leva a pensar semelhante coisa?

– O seu vizinho tem.

– O quê? E pensa que se possa ter espalhado?

– O bolor não se espalha. O caruncho, sim.

– Nesse caso...?

– Houve um erro de construção na ventilação ao longo das paredes deste prédio. Permite que o caruncho se desenvolva. Importa-se que dê uma espreitadela à sua cozinha?

Harry desviou-se. O homem foi direito à cozinha, e encostou de imediato um aparelho cor de laranja, semelhante a um secador de cabelo, à parede. Apitou duas vezes.

– Detetou humidade – explicou o homem, observando algo que era, obviamente, um indicador. – Era o que já suspeitava. De certeza que não viu nem lhe cheirou a nada?

Harry não fazia a menor ideia do que poderia ser.

– Uma camada semelhante a pão seco – referiu o homem. – Um cheiro a bafo.

Harry abanou a cabeça.

– Sentiu a vista inflamada? – perguntou o homem. – Sentiu-se cansado? Com dores de cabeça?

Harry encolheu os ombros.

– Claro que sim. Desde sempre.

– Quer dizer, desde que mora aqui?

– Talvez. Oiça...

Mas o homem não estava a ouvir; tirara uma faca do cinto. Harry recuou e observou-o, enquanto a mão que segurava a faca se erguia e golpeava a parede com enorme força. Ouviu-se um som semelhante a um gemido quando a faca atravessou a placa de gesso por detrás do papel de parede. O homem extraiu a faca, voltou a introduzi-la e arrançou um pedaço de gesso poeirento, deixando um buraco grande na

parede. Seguidamente, sacou de uma lanterna de bolso e fê-la incidir na cavidade. Foi-se-lhe estampando uma profunda ruga por detrás dos óculos enormes. Depois, introduziu o nariz na cavidade e inspirou.

– Eu sabia – disse. – Ora viva, rapazes.

– Ora viva quem? – indagou Harry, aproximando-se.

– *Aspergillus* – informou o homem. – Um género de bolor. Conhecem-se trezentos ou quatrocentos tipos e é difícil afirmar de qual se trata porque o crescimento nestas superfícies duras é tão ténue que não se consegue ver a olho nu. No entanto, o cheiro é inconfundível.

– Isso significa sarilhos, certo? – perguntou Harry, tentando lembrar-se de quanto lhe restava na conta bancária depois de ele e o pai terem pago uma viagem a Espanha para a mana, a sua irmã mais nova, que tinha o que ela preferia chamar de «uma pontinha de síndrome de Down».

– Não é como o caruncho quando ataca. O prédio não vai abaixo – explicou o homem. – Mas o senhor pode ir.

– Eu?

– Se tiver tendência para isso. Algumas pessoas adoecem só de respirarem o mesmo ar que o bolor. Sofrem durante anos e, claro, acusam-nas de serem hipocondríacas, uma vez que ninguém consegue descobrir nada e os outros moradores estão de boa saúde. E depois a praga vai comendo o papel de parede e a placa de gesso.

– Hum. O que me sugere, nesse caso?

– Erradicar a infeção, obviamente.

– E, já agora, as minhas finanças pessoais, não?

– Está coberto pelo seguro do prédio, logo, não lhe custará uma coroa. Só preciso de ter acesso ao apartamento nos próximos dias.

Harry encontrou as chaves suplentes na gaveta da cozinha e entregou-lhas.

– Só cá virei eu – informou o homem. – Gostaria que soubesse. Acontecem para aí imensas coisas esquisitas.

– Não me diga? – Harry sorriu com ar pesaroso, olhando pela janela.

– Hã?

– Nada, nada – disse Harry. – Também não há aqui nada que roubar. Vou andando.



O Sol nascente refletia-se em todos os vidros do Comando da Polícia de Oslo, que ali funcionava ao longo dos últimos trinta anos, no cimo do outeiro junto à rua principal, a Grønlandsleiret. Aquela localização conferia à Polícia – embora não houvesse sido propriamente intencional – um mais fácil acesso aos bairros com elevado índice de criminalidade da zona oriental de Oslo, e a prisão, situada nas instalações da antiga destilaria, era o seu vizinho mais próximo. A esquadra da Polícia estava rodeada de um relvado castanho a definhar e de áceres e tílias que, durante a noite, tinham ficado cobertos por uma fina camada de neve branco-acinzentada, fazendo lembrar os bens amortalhados de um defunto, ali em pleno parque.

Harry subiu a faixa preta de alcatrão até à entrada principal e encontrou-se no átrio, onde a decoração da autoria de Kari Christensen, a parede de porcelana com água a correr, sussurrava os seus eternos segredos. Cumprimentou com um aceno o segurança de serviço na receção e encaminhou-se para a Brigada Anticrime, no sexto andar. Apesar de decorridos quase seis meses desde que lhe fora atribuído o novo gabinete na zona vermelha, retornava com frequência ao cubículo sem janelas que partilhara com o agente Jack Halvorsen. Agora era ocupado por Magnus Skarre. E Jack Halvorsen fora sepultado numa campa rasa no cemitério de Vestre Aker. De início, os pais tinham mostrado vontade de que o filho fosse sepultado na terra natal deles, Steinkjer, uma vez que Jack e Beate Lønn, a chefe da *Krimteknisk*, a Divisão Forense, não eram casados; nem sequer tinham chegado a viver juntos. No entanto, quando descobriram que Beate estava grávida e que o bebé de Jack nasceria no verão, aceitaram que Jack fosse sepultado em Oslo.

Harry entrou no seu novo gabinete. Que sabia ir ficar eternamente catalogado como tal, do mesmo modo que o estádio do clube de futebol Barcelona, construído há meio século, ainda se chamava Camp Nou, o termo catalão para estádio novo. Deixou-se cair na cadeira, ligou o rádio e saudou as fotografias em cima da estante e encostadas à parede, baixando-lhes a cabeça num gesto de deferência. Um dia, num futuro incerto, se se lembrasse de comprar pregos para quadros, seriam pen-

duradas na parede. Ellen Gjelten, Jack Halvorsen e Bjarne Møller. Encontravam-se alinhados por ordem cronológica. O Clube dos Polícias Mortos.

Na rádio, os políticos noruegueses e os cientistas sociais davam as suas opiniões sobre as eleições presidenciais americanas. Harry reconheceu a voz de Arve Støp, o proprietário da ilustre revista *Liberal* e famoso por ser um dos mais inteligentes, arrogantes e divertidos formadores de opinião do país. Harry aumentou o volume até as vozes ressoarem nas paredes de tijolo, e agarrou nas algemas *Peerless* que se encontravam em cima da secretária nova. Treinou a rapidez de algemar na perna da mesa, que já se apresentava lascada como consequência do péssimo hábito que adquirira no curso do FBI, que frequentara em Chicago e aperfeiçoara durante os serões solitários que passara num estúdio manhoso em Cabrini Green, ao som dos gritos das discussões dos vizinhos e na companhia de uma garrafa de *Jim Beam*. O objetivo era bater com as algemas no pulso do detido, de tal forma que o braço munido de mola cercava o pulso e a fechadura prendia com um estalido do outro lado. Com a dose certa de força e precisão, era possível uma pessoa algemar-se a um detido num único e simples movimento, antes de ele ter sequer hipótese de reagir. Harry nunca necessitara de fazer uso de tal método no cargo atual e apenas uma vez o usara para a outra coisa que aprendera por lá: como apanhar um assassino em série. As algemas deram um estalido à volta da perna da mesa e as vozes na rádio continuaram a falar em tom monótono.

«Porque considera os noruegueses tão céticos em relação a George Bush, Arve Støp?»

«Porque somos uma nação superprotegida que nunca travou quaisquer guerras. Temos preferido deixar os outros fazê-lo por nós: a Inglaterra, a União Soviética e os Estados Unidos. Sim, desde o tempo das Guerras Napoleónicas que nos escondemos atrás das costas dos nossos irmãos mais velhos. A Noruega baseou a sua segurança na responsabilidade assumida pelos outros sempre que a situação se complicava. Já assim sucede há tanto tempo que perdemos a noção da realidade e acreditamos, basicamente, que a Terra é povoada por pessoas bem-intencionadas – visto sermos a nação mais rica do mundo. A Noruega, uma loura balbuciante, com o cérebro do tamanho de uma ervilha que